

## Corpos transfigurados

Vanberto José Rossi<sup>1</sup>

### Resenha do livro:

COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Sivana Vilodre (Orgs.). *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*. Petrópolis, Vozes, 2012.

Existe no momento contemporâneo uma tendência à valorização da imagem corporal jovem, robusta, esguia, lisa. Juntos ou separados, esses adjetivos constituem algumas definições do que se considera um corpo belo, saudável, rentável ou, nos termos de Siqueira e Faria (2007: 179) um “corpo modelo”. Esse corpo se encontra em contínuo processo de identificação (cf. Hall, 2000): não há apenas uma identidade capaz de suportar as dimensões do corpo, mas uma miríade de possibilidades de identidades.

Na linguagem do senso comum a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão (Hall, 2000: 106).

Embora seja constantemente exortado a buscar padrões corporais que o definam, seja no plano individual ou no social, o ser humano prescinde cada vez menos de padronizações *a priori* e se torna cada vez mais capaz de construir, modelar sua própria imagem corporal de acordo com seus objetivos, apreensões, necessidades etc. Desse modo, um corpo musculado, por exemplo, é associado

1 Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos – Brasil – tonnyiom@gmail.com

a um corpo forte e saudável e por isso está relacionado a uma concepção de beleza jovem e lisa. Ao utilizarmos qualquer um daqueles adjetivos para nos referir a esse corpo, automaticamente iremos nos referir aos demais, porque na contemporaneidade “o músculo marca” (Courtine, 2005: 83) por sua presença e reverbera por sua atualidade na mídia. Se, em vez disso, substituíssemos o termo “corpo musculado” por “corpo magro” ou “corpo modelo”, ainda que esses termos não sejam sinônimos, o efeito remissivo seria, basicamente, o mesmo, de forma que, a partir de um processo de identificação, um indivíduo poderia se adequar ou não a um, a mais de um, a todos ou a nenhum desses termos.

No entanto, possuir um corpo adequado aos padrões atuais, organicamente funcional e em plena capacidade de uso já não basta, porque há limitações: esse corpo precisa ser constantemente alimentado e descansado; se contrair alguma enfermidade, deve ser tratado; se perder, ainda que temporariamente, alguma de suas funções sensoriais, necessita ser recuperado. Exige-se, em outras palavras, que o corpo seja constante e rapidamente atualizado, melhorado no sentido de eliminar o quanto possível, se não completamente, suas limitações orgânicas.

É os recisamente nesse sentido que a obra *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas* estabelece um percurso ao longo dos principais dilemas contemporâneos que se situam entre a construção individual da categoria de corpo e a gestão social dos corpos. Organizado por Edvaldo Souza Couto e Silvana Vilodre Goellner e prefaciado por Guacira Lopes Louro, o debate perpassa questões como bioética, bioestética, biopoder e biotecnologia (p. 8), caracterizando a contemporaneidade como um momento que requer um profundo e contínuo processo de reflexão, no qual, de acordo com os autores,

Diante da possibilidade de um mundo em transformação, que poderá em breve dispensar o humano, vivemos a progressiva banalização da experiência humana. Essa condição nos traz imensos desafios, como a urgência de construir corpos nos ritmos acelerados das mudanças tecnológicas, enfrentar as controvérsias, reger e administrar a tecnociência, humanizar as tecnologias, estabelecer diálogos fecundos com os poderes, as instituições e as políticas para que as pessoas não se percam nos golpes e nos fascínios dos acontecimentos (Couto; Goellner, 2012: 8).

Nessa perspectiva, a obra reúne oito ensaios de importantes pensadores contemporâneos das áreas de sociologia, antropologia, pedagogia, educação física, comunicação e direito, no sentido de maximizar as possibilidades de análise, tendo em vista uma tendência à maximização das possibilidades de construção

da imagem corporal. O fundamento dessa metodologia versátil, que coloca a todo momento o leitor em diálogo com as teorias e as pesquisas empíricas, é o fato de que, pela óptica dos autores, o corpo na contemporaneidade se define por “marcas transitivas, transitórias, transponíveis. O corpo não é (mais) um dado, mas uma fabricação. Um feito e uma ficção. O corpo é o que se diz dele e o que se faz dele” (Louro, 2012: 12).

O primeiro capítulo, de autoria de David Le Breton, um dos mais importantes pensadores da sociologia do corpo, intitula-se “Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas” (15-32). Nesse ensaio, Le Breton discute o encontro do corpo com sua obsolescência, demonstrando como a performatividade se mostra eficiente no embate entre juventude e envelhecimento, surgindo dessa interação o que o autor denomina “corpo momentâneo”. Nesse sentido, Le Breton afirma que “o corpo não passa de um habitáculo provisório de uma identidade que recusa toda forma de fixação e escolhe uma forma de nomadismo quanto à sua presença no mundo” (20). Finalizando sua contribuição, o autor se posiciona criticamente diante da ideologia trans-humanista, a qual visa à melhoria contínua do corpo pela tecnologia, seja ela biológica ou cibernética, ao ponto da extinção quase que completa do corpo orgânico.

Na sequência, o antropólogo italiano Massimo Canevacci irá relacionar arte, corpo e tecnologias audiovisuais, contribuindo para o debate com o texto “Corpos polifônicos e tecnologias digitais” (33-64). Relacionando diferentes momentos históricos com suas respectivas produções artísticas entre os anos 1950 e 2000, da fotografia ao cinema, da cultura *rock* à *rave*, passando pelo *cyberpunk*, Canevacci nos apresenta uma apreensão de corpo como paisagem, ao mesmo tempo, multifacetada e articulada. Nessa paisagem corporal, segundo o autor, a beleza é dada pelo corpo jovem, não apenas bonito, mas rebelde, e que representa o contraponto aos dissabores da vida adulta, a qual se relaciona à velhice e ao medo da obsolescência.

Com a introdução da discussão sobre a importância da juventude do corpo feita por Canevacci, a contribuição dos educadores físicos Alex Branco Fraga e Mateus David Finco lança o foco sobre a cultura digital que se tornou emblema da cultura juvenil a partir da década de 1970: os *videogames* e o cinema de ficção digital. No ensaio “O corpo abduzido da realidade para a virtualidade: imersão sensorial, movimentação interativa e vida ativa” (65-83), os autores analisam os impactos sobre os corpos da simulação corporal preconizada nos jogos de *videogames*, desde seus primórdios na década de 1960 até o momento em que o cinema hollywoodiano se apropria dessa tecnologia e investe no cinema de

ficção digital, nos anos 1980, chegando à tecnologia dos jogos de interação das décadas de 1990 e 2000.

Caracterizando um momento de transição na discussão, o texto do jurista Roger Raupp Rios, “Direito da antidiscriminação, sexo, sexualidade e gênero: a compreensão da proibição constitucional de discriminação por motivo de sexo” (85-118), insere na discussão a temática de gênero pela perspectiva do direito. O autor problematiza o corpo a partir de uma crítica ao sistema sexo/gênero na legislação brasileira, que acarreta “tratamentos desfavoráveis decorrentes da chamada ‘identidade de gênero’” (114). Para o autor, do ponto de vista jurídico “sexo e gênero são dados e fenômenos que necessitam ser apanhados e percebidos conjunta e indissociavelmente” (117), e somente tomados dessa maneira é possível avançar na discussão da antidiscriminação.

A proibição de discriminação por motivo de sexo abrange os tratamentos desfavoráveis experimentados por heterossexuais em virtude de seu sexo biológico e gênero, por homossexuais em virtude de sua orientação sexual, por travestis e transexuais em virtude de sua identidade de gênero (id.).

Essa discussão sobre o direito à diferença corporal colocada por Rios serve de introdução para a contribuição dos sociólogos Wagner Xavier Camargo e Alexandre Fernandez Vaz no texto “De humanos e pós-humanos: ponderações sobre o corpo queer na arena esportiva” (119-144). Os autores retomam a discussão do trans-humanismo, apresentada por Le Breton no primeiro capítulo, problematizando a discriminação de gênero nos esportes de alto rendimento, ao mesmo tempo em que introduzem o conceito de ciborguização corporal, processo que consiste na fusão do corpo com próteses, fármacos, *chips* etc.

Para isso, inserem o pós-humanismo como temática dividida em três vertentes: 1) a singularista; 2) a biotecnológica; e 3) a trans-humanista (126-127). Os autores observam que a ciborguização corporal tende a romper com o paradigma natureza/cultura ao subsidiar o que Beatriz Preciado denominou tecnocorpo: um corpo orgânico, pensado como natural, que se beneficia da tecnologia (cultura), “nem orgânico, nem máquina” (132). Chamam, ainda, a atenção para a problemática do tecnopoder como desdobramento das políticas engendradas pelo tecnocorpo, uma vez que “o que entra em discussão é até que ponto o ‘melhoramento genético’ nos livrará de mazelas corporais (doenças, deficiências, debilidades e afins) e não será mais uma estratégia eugênica” (127).

A discussão desses autores tende para a obsolescência, a qual serve de mote para o ensaio de Paula Sibilia “Imagens de corpos velhos: a moral da pele lisa

nos meios gráficos e audiovisuais” (145-160). A autora analisa a oposição entre “corpos poderosos” e “corpos esculhambados” (145-147), duas concepções midiáticas de corpo, um jovem e aceito, outro velho e interdito, os quais sintetizam um embate entre o envelhecimento/morte e o que a autora chama de “novas ciências da vida” (146), trazendo uma concepção de corpo redefinido. Assim, o corpo velho se torna um estigma porque está à mercê do tempo e da natureza, fazendo que as pessoas neguem seus próprios corpos “porque, nesta ‘sociedade do espetáculo’ que insta a conquistar a qualquer custo a visibilidade e a celebridade midiática para poder ‘ser alguém’, a velhice é um direito negado” (149). A busca da sociedade ocidental contemporânea, na perspectiva da autora, é por uma “moral do liso e da boa forma” (157).

Corroborando as observações de Sibilia, o texto do filósofo Edvaldo Souza Couto, “As façanhas dos extremos: o triunfo do corpo nas atividades físicas e esportivas radicais” (161-185), defende que essa moral do liso e da boa forma se transforma em uma busca pela maximização do prazer nas atividades físicas contemporâneas. A partir de uma alegoria de “desertos e oásis do corpo” (166), respectivamente os dissabores da vida contemporânea *versus* a felicidade e o bem-estar (167), Couto demonstra que “é pelo excesso que o otimismo toma conta dos viventes” (182), na busca por “gozar eternamente a boa vida” (183).

As façanhas dos extremos, esses triunfos do corpo nas atividades físicas e esportivas radicais, celebradas e reivindicadas em toda e qualquer parte, são oásis totalizantes na nossa cultura tecnológica de agitação e bem-estar (184).

Finalizando a proposta do livro, os educadores físicos Silvana Vilodre Goellner e André Luiz Santos da Silva contribuem com o exuberante ensaio “Biotecnologia e neoeugenia: olhares a partir do esporte e da cultura *fitness*” (187-210). A proposta dos autores é discutir uma possível atualização do conceito de eugenia na contemporaneidade a partir da “cultura *fitness*” (191): a “neoeugenia” (id.). De acordo com os autores, a diferença fundamental entre eugenia e neoeugenia é a perda da centralidade da hereditariedade, a qual cede seu lugar à tecnociência (196-197). “Na neoeugenia, fármacos, próteses, *chips* e dispositivos biotecnológicos diversos acoplam-se aos corpos, sendo capazes de dotá-los de força, velocidade e destreza” (197).

Observamos no todo da obra que a maximização das possibilidades de transformação corporal, segundo os autores, emerge como problemática cotidiana a partir da confluência e do avanço da biotecnologia, da informática e da cibernética entre meados do século XX e início do século XXI. Paulatinamente, os

autores demonstram alguns dos principais resultados desse avanço tecnológico observados em fatos como a criação de uma necessidade de transformação corporal por intermédio da fusão humano/máquina e da dinamização da indústria cultural por intermédio da maximização do consumo de mídias diversas.

Ora, se observamos o nascimento de um novo momento que transforma simples corpos orgânicos em “corpos espetaculares, potencializados, hígidos, performantes e ciborguizados pela técnica” (187), observamos, ao mesmo tempo, o início do crepúsculo de uma concepção de corpo meramente orgânico, assombrado pela obsolescência e fadado à morte. O trabalho empreendido pelos autores nessa coletânea de ensaios, em outras palavras, é demonstrar que o momento contemporâneo se caracteriza por uma mudança paradigmática na qual o corpo se desloca do centro para o epicentro da cultura ocidental, e é a sua diferença que o determina, a despeito da igualdade.

Se para Karl Marx o proletário do século XIX era um apêndice da máquina, caracterizando uma cisão fundamental entre ambos, na contemporaneidade humano e máquina tendem a se fundir na figura do ciborgue: um “híbrido de máquina e organismo” (Haraway, 2009: 36). O humano descobriu os benefícios da máquina para a melhoria do seu corpo, como o atleta sul-africano Oscar Pistorius, que ainda bebê teve suas pernas amputadas; no entanto, a intervenção científica transformou sua deficiência em rendimento, dando-lhe pernas artificiais extremamente mais eficientes do que as orgânicas. Ele se tornou, nas palavras de Goellner e Silva (197), “um ser híbrido de carne e fibra de carbono”.

No entanto, essa maximização do rendimento corporal por intermédio da biotecnologia e da cibernética está muito longe de ser universal, e, de fato, as análises dos autores indicam que a universalidade não é uma prerrogativa da biotecnologia. À exceção de Le Breton e Goellner e Silva, os autores procuram tangenciar essa questão – que, necessariamente, conduz a discussão aos imperativos de classe social –, e nenhum deles menciona os custos, em termos financeiros, dessa transformação corporal, limitando-se a apresentar algumas consequências no âmbito humanístico. Claramente, essa transformação corporal é uma possibilidade para alguns grupos sociais apenas.

A obra oferece, inegavelmente, importantes contribuições para uma reflexão aprofundada a respeito das dimensões do corpo na contemporaneidade, por meio de uma metodologia versátil e inteligente, partindo de uma perspectiva transdisciplinar para problematizar um corpo que tende a se tornar trans-humano ou pós-humano. Esse dinamismo científico é, sem dúvida, o amálgama que faz a obra ser bem-sucedida em sua proposta e se caracterizar como leitura

indispensável para a sociologia, de uma maneira geral, e, mais especificamente, para a sociologia do corpo.

## Referências

- COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: bodybuilding e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise B. (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo, Estação Liberdade, 2005, p. 81-114.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org., trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000, p. 103-133.
- HARAWAY, D. Manifesto ciborgue. In: TADEU, Tomaz (Org., trad.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte, Autêntica, 2009, p. 33-99.
- SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FARIA, Aline Almeida. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 4, n. 9, mar. 2007, pp. 171-188.

Recebido em: 10/12/2013

Aceito em: 19/03/2014

### Como citar esta resenha

ROSSI, Vanberto José. Corpos transfigurados. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 4, n. 1, jan.-jun. 2014, pp. 259-265.